

| | | |
|---|---|---|
| FAHIMTB | <h1>O TUIUTI</h1> |  |
|  | | |
| AHIMTB/RS ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA | ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL | |
| 200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN | | |
| Ano 2012 | MAIO | Nº 14 |

1942 – Um Ano Singular

Os 70 anos dos torpedeamentos e da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial

Israel Blajberg - iblj@telecom.uff.br

Em 2012 completam-se 70 anos de eventos históricos relevantes para o Brasil, os acontecimentos de 1942, um ano singular para a história da fantástica participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, o “turning point” de um país pacífico e ainda rural, agredido por uma poderosa potência militar, mas que soube dar uma resposta à altura. Neste trabalho analisaremos a micro história de 1942 como balizadora para os dias de hoje. Tais acontecimentos se tornaram marcos de referência, a saber:

- I - III Reunião de Consulta de Chanceleres das Repúblicas Americanas;
- II - Os Torpedeamentos e a Entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial;
- III - Criação da FNNE;
- IV - A Morte de Stefan Zweig – um Protesto Silencioso;
- V - A Conferência de Wansee; e
- VI - Conclusões: As Lições que a História Ensina

I - III Reunião de Consulta de Chanceleres das Repúblicas Americanas

O ano se inicia com a chamada Conferência Pan-Americana, em janeiro de 1942, onde pontificou o Chanceler Oswaldo Aranha, ocorrendo o rompimento de relações com as potências do Eixo. Eram tempos difíceis; uma possível invasão do território nacional não estava descartada, pelo estabelecimento de bases militares do Eixo, possivelmente no Nordeste, região com poucas defesas e fora do alcance da aviação americana baseada no Caribe, além do difícil acesso para as tropas brasileiras estacionadas em sua maioria no Sul. As Ilhas de Fernando de Noronha e Trindade seriam alvos prioritários, dada sua especial adequação para bases navais e de submarinos.

Os planos de Hitler para uma Alemanha Austral na Argentina, Chile e Brasil eram similares àqueles implementados nos Sudetos, Áustria e Polônia, já que na América Latina também havia grandes colônias germânicas, quistos raciais pelos quais se transformariam aqueles países em celeiros e reserva de matérias primas para o III Reich. O Brasil era o maior consumidor não-europeu de produtos alemães, e o 9º em escala mundial. A Lufthansa operava no Brasil, possuindo 100% da mais antiga empresa aérea brasileira, a CONDOR, e tinha participações na VARIG e VASP. Existiam dezenas de filiais do Partido nazista espalhadas pelo Brasil e coordenadas pela Embaixada alemã.

Em vista de tudo isso, o Presidente Roosevelt, eleito para um terceiro governo, chegou a cogitar da chamada operação Pot of Gold, prevendo o envio de 100.000 soldados para ocupar pontos estratégicos de Belém ao Rio de Janeiro. Entretanto, a operação jamais ultrapassou o estágio de planejamento preliminar, substituída por conversações que viriam a permitir o estabelecimento de bases navais e aéreas americanas no Brasil.

Em 1941/42, em momentos cruciais quando o Afrika Korps e as tropas italianas atacavam as tropas britânicas, australianas e do Exército da França Livre dos Generais Koenig e De Gaulle, Natal tornou-se de fundamental importância, com a enorme Base Aérea de Parnamirim convertendo-se no ponto focal do sistema de Transporte dos Aliados, na rota Miami – Caribe – Belém – Natal – Ascensão – África, de onde se ramificava para os teatros de operação europeu e asiático (China – Burma – Índia). Posteriormente o desembarque na Normandia e a invasão da Itália também se beneficiaram desta logística, bem como as operações de retorno do pós-guerra, em sentido inverso.

Assim, o Trampolim da Vitória favoreceu enormemente a logística aliada já desde meados de 1941, antes portanto de Pearl Harbour e mais de um ano antes da entrada do Brasil na Guerra, não só no transporte aéreo, como também no apoio a campanha anti-submarina.

Em 1940 o Brasil participou da I Reunião de Consulta de Chanceleres das Repúblicas Americanas, realizada na Cidade do Panamá, para definir a estratégia de defesa do hemisfério ocidental. Embora adotado consenso de neutralidade, abrangendo uma faixa de 300 milhas ao redor do continente, indiretamente ficou garantido o suprimento de matérias primas aos EUA.

A Segunda Reunião de Consulta em Havana foi convocada imediatamente depois da invasão alemã aos Países Baixos e à França em 1940, fato que causou preocupação aos Estados americanos, ante a eventualidade de a Alemanha reivindicar as colônias dos países invadidos situadas na América. Esta situação deu origem à Declaração XV, "Assistência Recíproca e Cooperação para a Defesa das Nações Americanas", na qual se reafirmava o procedimento da consulta entre os Estados e se reiterava o conceito de que *"um atentado de um Estado não americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território, soberania ou independência política de um Estado americano seria considerado um ato de agressão contra todos ..."*.

Finalmente, na Terceira Reunião de Consulta (Rio de Janeiro, 1942), em 28 de janeiro de 1942, poucas semanas após Pearl Harbour, o Brasil rompeu relações diplomáticas com as potências do Eixo – Alemanha, Itália e Japão, tendo os Ministros das Relações Exteriores recomendado "A reunião imediata, em Washington, de uma comissão composta por técnicos do exército e da marinha, nomeados pelos Governos individualmente, para estudar e sugerir medidas necessárias à defesa do Continente", a qual seria o embrião da futura Junta Interamericana de Defesa (JID).

II - Os Torpedeamentos e a Declaração de Guerra

Nos anos de 41 e 42, o mundo recebia notícias preocupantes dos avanços e atrocidades do Eixo, que logicamente impactavam também o Brasil, especialmente o Nordeste, mais especificamente a cidade de Natal, onde havia blackouts e exercícios de defesa antiaérea, lá tendo mais perto ecoado os tambores de guerra, pela movimentação de tropas e o perigo de ataques às bases militares lá instaladas.

Naquele distante ano de 1942, os jornais e o rádio eram as únicas fontes de informações, trazendo as notícias de ataques em todos os fronts, Pearl Harbour, invasões japonesas da Malásia, Filipinas, Indonésia, Singapura, Java, Burma, ofensivas de Rommel no Norte da África, bombardeio de Darwin na Austrália, ataque de submarinos ao porto de Sydney.

Notícias incertas de assassinatos em massa em Sobibor, Belzec, a primeira deportação de judeus da França para Auschwitz, início das deportações do Gueto de Varsóvia para o campo da morte em Treblinka, quando o professor Janusz Korczak escolhe seguir com as suas crianças do orfanato, legando ao mundo uma lição, e o seu método até hoje utilizado.

Combates em Bir Hakeim e Tobruk, com os alemães e italianos chegando já no Egito, quando o General Sir Bernard Montgomery é nomeado Comandante do VIII Exército para o contra-ataque na segunda batalha de El Alamein. Bombardeios da Luftwaffe em Exeter, Bath, Canterbury, o Parlamento Britânico atingido em um raid sobre Londres. Rendição americana em Corregidor.

A partir de 9 Dez 1941, Hitler já havia autorizado o Comando da Força de Submarinos a operar no interior da Zona de Segurança Pan-Americana de 300 milhas, o que acarretou o torpedeamento de navios brasileiros nas costas americanas e no Caribe.

Entre 12 Jan e 06 Fev 1942, submarinos alemães afundaram 120 navios mercantes aliados nas proximidades de Nova Iorque. Nesta fase 13 navios brasileiros foram afundados no Caribe antes mesmo da ofensiva atingir o litoral nordestino.

Em 15 Jun 1942, Hitler decidiu lançar uma blitz submarina no litoral brasileiro, e destruir os portos do Rio, Recife, Salvador e Santos, em represália a exportação de alimentos e matérias-primas estratégicas do Brasil nominalmente neutro para EUA e Inglaterra. A pesada campanha anti-submarina contra a navegação marítima nacional iniciou-se com o torpedeamento do BUARQUE, o primeiro de mais de 30 navios mercantes a serem afundados, com a nação lamentando o sacrifício de 1 milhar de preciosas vidas brasileiras inocentes.

Foi empregada uma flotilha de 10 submarinos de 500 a 700 ton, baseados na França ocupada, e mais um de reabastecimento, a qual se agregaram mais tarde unidades italianas.

Em apenas 4 dias de agosto foram torpedeados 6 navios, desaparecendo no mar 600 patrícios inocentes, passageiros e tripulantes do Baependy e Itagiba, que transportavam para Recife o 7º Grupo de Artilharia de Dorso (7º GADo), do Araraquara, Annibal Benévolo, Arará e Jacira. Diante do clamor popular nas ruas, o Governo reconhece o estado de beligerância, e em 31 Ago 1942, através do Decreto Lei 10.358, o Brasil declara o estado de guerra com a Alemanha e Itália.

O Brasil se uniu contra o nazismo. Apenas no Baependy desapareceram no mar 250 soldados e 7 oficiais, 2 baterias de artilharia e demais equipamentos. Outro navio levava peregrinos para um Congresso Eucarístico em São Paulo. Em todas as cidades bandeiras de países do Eixo eram queimadas nas ruas, numa onda de repulsa onde se destacaram os estudantes, precursores dos futuros cara-pintadas de hoje.

Às agressões do Eixo contra o Brasil, seguiu-se a heroica defesa do nosso litoral contra a guerra submarina. Na década de 40, as ligações eram basicamente marítimas. O fluxo da navegação mercante não podia ser interrompido, pois carecendo de estradas de rodagem, o país dependia do tráfego marítimo Norte-Sul, não só para interligação doméstica como também para exportar nossos produtos, como borracha, café, óleos, materiais estratégicos trazendo na volta manufaturados, como automóveis, material bélico, remédios, ferramentas, motores, derivados de petróleo, e demais bens que o país não produzia.

O Brasil era então a única fonte de cristais de quartzo utilizado em equipamentos de rádio, abundante na região de Cristalina em Goiás, e em Minas Gerais, em qualidade de grau eletrônico. Outros materiais fundamentais para o esforço de guerra eram minério de ferro, borracha, cromo, manganês, níquel, bauxita, tungstênio, diamantes industriais, e areias monazíticas ricas em tório, utilizadas nas pesquisas atômicas então sendo desenvolvidas.

A quinta-coluna denunciava as cargas e datas de partida dos navios, indefesos, no princípio viajando sem escolta e sem armamento. Sozinhos e contando com a sorte, alguns furavam o bloqueio e chegavam aos portos de destino, entregando a sua preciosa carga, outros sucumbiam nos abismos do oceano, torpedeados pelos ultramodernos submarinos do Eixo.

A Marinha organizou comboios que protegiam a nossa navegação, missão plena de perigos e sobressaltos, especialmente para a frota de caça-submarinos, os caça-pau Classe J e mais tarde os caça-ferro da Classe G, projetados para águas costeiras calmas, e que cumpriram épicas jornadas em alto-mar encapelado. Nessas empreitadas tivemos a lamentar a perda do Vital de Oliveira, a 25 milhas do Farol de São Tomé, com 100 mortos, da Corveta Camaquã, em junho de 44, a 12 milhas NE de Recife, que vitimou 33 marinheiros, inclusive o Comte Gastão Moutinho, e o naufrágio do Cruzador Bahia, em julho de 1945, já com a guerra terminada, em missão de apoio aos aviões vindos da África, com a perda de 337 marinheiros, incluindo o Comandante Garcia d'Ávila Pires e Albuquerque, a 500 km de Fernando de Noronha, e a 100 km do Arquipélago de São Pedro e São Paulo.

Com a "débâcle" alemã na frente russa e africana o perigo foi afastado e a situação finalmente revertida, passando o Brasil a colaborar decisivamente com o esforço de guerra, pelo estabelecimento

de bases militares no Nordeste e na ilha de Fernando de Noronha. O encontro dos Presidentes Vargas e Roosevelt, que seria realizado em Natal aos 28 Jan 1943 ficou famoso, simbolizando a importância do Trampolim da Vitória para os Aliados. Passando a receber novos navios e armas pelo LAND LEASE, a Marinha do Brasil ganhou condições de formar comboios, não mais ocorrendo perdas de mercantes, protegidos pela Força Naval do Nordeste e Aviação de Patrulha.

Nos anos seguintes o Brasil participaria ativamente do conflito como uma das 19 Nações Aliadas, com nossas bases apoiando o tráfego marítimo e aéreo, pelo envio de suprimentos estratégicos, defendendo o Litoral com forças de Terra, Mar e Ar, e formando a FEB – Força Expedicionária Brasileira, com 25 mil soldados, e o 1º Grupo de Aviação de Caça (Senta-a-Pua), combatendo na Itália até o final da guerra em 8 de maio de 1945, sofrendo a perda de centenas de bravos que tomaram em ação, cujos restos mortais encontram-se no MNMSGM. Monte Castello, Montese e Collecchio foram algumas das gloriosas batalhas que passaram a HMB.

Assim, o Brasil além de provar o trágico fel da guerra, de estar no front da guerra submarina, de possibilitar a passagem de material e tropas, ceder importantes bases aéreas e navais, fornecer material estratégico e alimentos, e apoio diplomático nas Conferências Americanas, ainda fez o supremo sacrifício em sangue, enviando suas tropas para o teatro de operações europeu.

No computo geral, além das preciosas vidas de 1.900 soldados e marinheiros, perdemos 31 navios mercantes, 3 navios de guerra e 22 aviões de combate.

É uma contribuição que deve ser estudada e recordada, não só no Brasil, mas também mundo a fora, para evitarmos que alguns deslizos aconteçam, como no mundialmente famoso Musée de l'Armée, situado nos Invalides em Paris. À saída, após passar pela Sala dos Marechais, passagem obrigatória de quem visita o Museu, e se dirige ao Túmulo de Napoleão, um cartaz esquece os mortos brasileiros. Logo do país que forneceu um porta-aviões ao Brasil, e pretende reequipar nossa Força Aérea....

Assim, é importante que o mundo saiba o que o Brasil fez na II Guerra Mundial, e que os brasileiros possam conhecer tudo isso, e justamente se orgulhar das nossas múltiplas contribuições à Vitória Aliada.

III - Criação da FNNE

Outra efeméride importantíssima a registrar são os 70 anos da criação da FNNE, em 6 Out 1942, comandada pelo emérito chefe naval Alte Soares Dutra, quando todos os nossos navios que pudessem se prestar a guerra anti-submarina foram modificados para receber sonares, calhas e artilharia, passando a serem classificados como corvetas, vindo a constituir a FT 46 da recém-criada 4ª. Esquadra americana, com sede em Recife, ao mesmo tempo em que eram incorporadas a 1ª, 2ª e 3ª Zonas Aéreas, formando a FT 49.

A Marinha do Brasil, materialmente carente, enfrentou o desafio, ainda hoje tão complexo, de defender toda a costa brasileira, atracando o encouraçado São Paulo no porto do Recife, e o Minas Gerais em Salvador, servindo como fortalezas flutuantes, prontas a revidar qualquer ataque do inimigo.

Assim, em 25 Set 42 largou do Recife para o Rio o primeiro das muitas centenas de comboios que navegariam nos anos seguintes, formados principalmente entre Rio de Janeiro e Trinidad, mantendo abertas as linhas de abastecimento, essenciais a nossa economia e ao esforço de guerra dos aliados.

Com o esforço conjugado da FNNE e da Base Naval de Natal, construída pelo descortino do Almirante Ary Parreiras, e o apoio logístico da IV Esquadra, foi vencida a fase aguda da ofensiva alemã, com a escolta de 3.146 navios em 575 comboios, com perda de apenas 3, além da proteção e escolta dos 5 Escalões da FEB, do apoio logístico a Fernando de Noronha, e muitas outras missões de guerra. Foram 600 mil milhas navegadas sob forte ameaça submarina, com cada navio da Marinha do Brasil escoltando 50 mercantes, uma produtividade bem superior a da marinha americana, de apenas 16 navios.

IV - A Morte de Stefan Zweig – um Protesto Silencioso

Cabe ainda registrar outros 70 anos de infausto acontecimento, em 23 de fevereiro de 1942, o pacto de suicídio em Petrópolis do escritor austríaco Stefan Zweig e sua esposa Lotte, refugiados do nazismo. Seus livros foram queimados em toda a Áustria. Em sua curta permanência de 16 meses na nossa terra, escreveu um livro famoso até hoje, BRASIL, PAÍS DO FUTURO. Milhares de pessoas lhes

prestaram silenciosamente uma última homenagem, e o Pres. Getúlio Vargas determinou que o funeral fosse custeado pelo governo, e as autópsias fossem realizadas na residência, e não no IML, em sinal de respeito. Aos 60 anos, abalado pela morte espiritual da Áustria dominada pelos nazistas, estava em desespero. Na carta de despedida ao presidente do PEN Clube declarou que a cada dia amava mais o Brasil, este país maravilhoso.

Passadas tantas décadas, ainda hoje BRASIL PAÍS DO FUTURO nos traz uma perspectiva admirável das potencialidades brasileiras. Mesmo com tantas mudanças tecnológicas, o avanço da economia, a inserção na corrente da globalização, o livro continua verdadeiro, porque a alma não muda. É um livro que merece ser lido e pensado, e cujo resumo da Introdução tão bem revela nas palavras proféticas de Stefan Zweig o espírito brasileiro:

... causou uma das mais fortes impressões da minha vida... os olhos não se cansavam de olhar, e para onde quer que os dirigisse sentia-me feliz. Viajei 12, 14 horas de trem pensando com isso aproximar-me do coração desse país, mas quando de volta examinei o mapa, verifiquei que havia apenas penetrado um pouco embaixo da pele. ... antes um continente – espaço para trezentos, quatrocentos, quinhentos milhões de habitantes, riqueza imensa sob este solo opulento e intacto, da qual apenas a milésima parte foi aproveitada. Percebi que havia lançado um olhar sobre o futuro do mundo. sabia bem que nada vira, ou em todo caso não vira bastante. Passei cerca de meio ano neste país e só agora sei que uma vida inteira não bastaria para conhecê-lo - tenho de me consolar por ter encontrado apenas 2 ou 3 brasileiros que puderam afirmar conhecer o âmago quase impenetrável deste país e que a estrada de ferro, o vapor e o auto, impotentes contra a vastidão fantástica desta terra, não me teriam levado muito além de donde fui quero salientar o que coloca o Brasil em posição especial dentre as nações do mundo, no que respeita ao espírito e a moral nenhum o resolveu de maneira tão feliz e mais exemplar - e para gratamente testemunhar isso escrevi esse livro o Brasil o resolveu duma maneira que requer a admiração do mundo se tivesse aceito o delírio europeu de nacionalidade e de raças, seria o país mais desunido, menos pacífico e mais intranquilo do mundo não há distinções de cores, exclusões, separações presunçosas ao passo que na Europa cada nação inventou uma palavra de ódio para aplicar a outra é surpreendente que a segunda geração já se sinta só brasileira - em geral o filho de estrangeiro é nacionalista é um país que odeia a guerra, e ainda mais, que quase não a conhece – seu orgulho e seus heróis não são apenas guerreiros, mas estadistas como Rio Branco e Caxias, que com prudência e firmeza souberam acabar e evitar guerras. Hoje, que o Governo é considerado ditadura, há aqui mais liberdade e satisfação que na maioria dos países europeus. Aqui repousa uma das melhores esperanças de uma futura civilização e pacificação do mundo devastado pelo ódio e pela loucura na nossa época de perturbação ainda vemos novas esperanças em novas zonas, é nosso dever indicar esse país, essas possibilidades, por isso escrevi este livro.

V - A Conferencia de Wansee

2012 marca também os 70 Anos da Conferencia de Wansee, aos 20 de janeiro de 1942 em Berlin, que definiu um macabro protocolo para as deportações e assassinatos de 11 milhões de judeus na Europa. Lamentavelmente perderam-se 6 milhões de vidas preciosas, de civis, homens, mulheres, crianças, idosos, todos inocentes, mas culpados de serem judeus. Crime hediondo mas que hoje por absurdo que seja encontra negacionistas. A humanidade não pode permitir que o Holocausto ocorra novamente. Nunca mais. A conferência se realizou em um palácio às margens do lago do mesmo nome, região aprazível a 20 km de Berlin, onde a classe média alta tinha suas chácaras e mansões, e que foi adquirido pela SS para servir de hotel e centro de conferencias, um local para reuniões dos nazistas. Hoje transformada em um museu, o lugar que simbolizou o espírito do mal, hoje é um Memorial e Centro de Estudos, denominado Casa da Conferencia de Wannsee - Haus der Wannsee-Konferenz - Gedenk- und Bildungsstätte.

Por convocação de Reinhard Heydrich, 15 representantes de alto escalão de diversos ministérios, partido nazista e da SS se reuniram para tratar da chamada Solução Final para a Questão

Judaica, um eufemismo cunhado pelos nazistas para o assassinato puro e simples dos judeus na área de influência dominada pela Alemanha.

Tão chocante quanto o texto do protocolo, que trata o assassinio de seres humanos como algo meramente burocrático, é o contraste do objeto da reunião com o entorno paradisíaco do local onde se realizou a conferência, uma villa, cujos arredores se assemelham a Bariloche e aos lagos chilenos, por exemplo. Dos criminosos participantes, autores de bárbaros crimes contra a Humanidade, dois ficaram especialmente conhecidos pela opinião pública:

Adolf Eichmann (1906-1962), desempenhou um papel central no processo de assassinato dos judeus europeus, coordenando transportes e deportações. Com a guerra perdida, fugiu e viveu sob nome falso em Buenos Aires, onde foi capturado pelo MOSSAD (Serviço Secreto) e trazido para Israel em um avião da El AL que conduziu a delegação israelense para os festejos dos 150 anos da Independência da Argentina. Ao contrário de suas vítimas, teve direito a julgamento imparcial e advogados, sendo condenado e enforcado há 50 anos, em 31 de maio de 1962 na prisão em Jerusalém, sendo suas cinzas espalhadas no Mediterrâneo.

Reinhard Heydrich (1904 - 1942), um dos líderes da SS – Tropa de Choque e da SD - Polícia Secreta foi uma figura chave no assassinato de judeus na Europa, supervisionando a transferência destes para os ghettos, de onde seriam transportados para os campos de extermínio. Teve atuação também nos assassinatos sistemáticos da população civil e membros do partido comunista nos territórios soviéticos ocupados durante a invasão da URSS – Operação Barbarossa. Foi o governador nazista da Tcheco-Eslóvaquia, transformada em Protetorado da Boêmia e Morávia. Pelos horrores que ali cometeu e o terror que infundiu às pessoas era conhecido como o Carniceiro de Praga. Foi eliminado há 70 anos pela resistência tcheca em 4 Jun 1942. Em represália à sua morte, as aldeias de Lidice e Lezháky foram quase que literalmente varridas do mapa, tendo os seus habitantes sido horrivelmente executados ou deportados. A Gestapo tinha pistas (falsas) de que seus executores haviam partido destas cidades. O sucessor de Heydrich no comando da SD, Ernst Kaltenbrunner, não mediu esforços em dar continuidade às políticas desse departamento, sendo condenado à morte pela força no julgamento de Nuremberg, em 1946.

Pereceram no Holocausto 1,5 milhão de crianças. Quantas poderiam ter dado ao mundo mais beleza, mais ciência, mais saúde? Aqui citamos uma personalidade tão significativa, que a Humanidade reverencia pela sua bondade, falecida há 70 anos:

Edith Theresa Hedwing Stein, ou Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein, 1891-1942), filósofa e teóloga alemã. De origem judia, converteu-se posteriormente ao catolicismo, tornando-se carmelita descalça. Primeira mulher a defender uma tese de Filosofia na Alemanha, Mártir, faleceu em 9 de Agosto de 1942 no Campo da Morte de Auschwitz. Beatificada em 1 de Maio de 1987, em Colônia pelo Papa João Paulo II e canonizada aos 11 de Outubro de 1998, em Roma pelo Papa João Paulo II. Padroeira dos Hebreus Católicos, judeus convertidos, do Dia Mundial da Juventude, e da Europa.

VI - Conclusões: As Lições que a História Ensina

Os mil anos do Reich não passaram de 11 dolorosos anos para a Humanidade, até ser destruído, em Stalingrado, Bir Hakim, Tobruk, no Levante do Gueto de Varsóvia, nas praias do Dia D.

Recorde-se que diferente de outras Nações Aliadas, o Brasil nada recebeu em reparações da Alemanha, acertadas na Conferência de Paris em 1945. Éramos uma nação por assim dizer ainda infantil, o planejamento das ações de governo ainda precisaria receber os subsídios iniciais, a serem prestados pela Comissão Mista Brasil-EUA, da qual nasceria em 1952 o então BNDE.

Assim, ficamos a ver navios, os nossos navios afundados, com perda de mais de 1 milhar de preciosas vidas brasileiras.

Já no que diz respeito ao Lend-Lease, este sim foi pago até o último centavo. O "Lend-Lease" Act foi aprovado pelo Congresso dos EUA em 1941, possibilitando a ajuda aos países vitais para o esforço de guerra americano. O Brasil recebeu 70% do material militar fornecido desta forma para os países latino-americanos. Este plano decenal que aportou US\$ 364 milhões a partir de 1944, foi quitado em julho de 1954. Assim como nós, a Rússia também recebeu este apoio americano, graças ao qual

pode sobreviver a invasão do ex-aliado nazista em jun/1941, recebendo suprimentos americanos via Mar do Norte. Ao drama seguiu-se o pagamento, em ouro.

Hoje no Brasil de 2012 uma amnésia coletiva e seletiva parece ter acometido boa parte da nossa inteligência, no que diz respeito a acontecimentos não tão distantes, como os aqui tratados. Felizmente temos relevantes espaços de memória, sejam materiais como o MNMSGM, sejam virtuais, como o GHFEB. Faz-se mister ainda combater toda e qualquer manifestação de intolerância, como o neo-nazismo, e falácias como a negação do Holocausto.

Certamente os Ensinamentos de 1942 – Um Ano Singular, estão ainda muito atuais, ainda que transcorridos 70 anos. Hoje Alemanha, Itália e Japão são nações amigas, até das mais tolerantes, salvo grupos isolados, mas o passado não pode ser simplesmente enterrados e esquecido, sob pena de outros atores os emularem.

Novos interesses se manifestam, nas Malvinas, na Amazônia, no pré-sal. Se na época um das mais poderosas belonaves da Alemanha, o Graf Spee, navegou pelo Atlântico Sul, 50 anos depois um submarino nuclear afundou o cruzador argentino BELGRANO. E hoje, a mesma IV Frota que atuou lado a lado, reaparece em nossas águas, sabe se lá com quais intenções... Como já dizia Balzac, a história é como um bobo... se repete, se repete...

1942 foi realmente um ano singular, e seu legado continua atual: ontem como hoje o Brasil precisa manter equipadas e alertas as suas Forças Armadas, para dissuasão dos que cobiçam nossas riquezas.

BIBLIOGRAFIA

- FRANK D. McCANN, University of New Hampshire. E.I.A.L. ESTUDIOS INTERDISCIPLINARIOS DE AMERICA LATINA Y EL CARIBE, Tel Aviv University. VOLUMEN 6 - Nº 2 JULIO - DICIEMBRE 1995 - América Latina y la Segunda Guerra Mundial (II) - Brazil and World War II: The Forgotten Ally. What did you do in the war, Zé Carioca?

Sales, André Valério, 2ª Guerra Mundial, O Torpedeamento do Cruzador Bahia pelos Nazistas. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB 2009

Reifschneider, Telmo Becker. 66 Anos de Criação da Força Naval do Nordeste. Revista do Clube Naval, nº. 348, out/nov/dez 2008, págs. 38-42.

Bento, C. M. A participação das Forças Armadas do Brasil e de sua Marinha Mercante na 2ª Guerra Mundial. (Volta Redonda: Gazetilha, 1995 1ed)

Bento, C. M. A Saga da Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro: (ANVFEB/ Associação de Ex-combatentes do Brasil, 1995).

Bento, C. M. Os 68 Sargentos mortos na FEB. (Resende:AHIMTB,1911)

Swanston, Malcom & Alexander. The Historical Atlas of World War II, CARTOGRAPHICA, London 2007.

Internet

AHIMTB .url

Boletim Anvfeb abril 2007 pdf free.url

Fundacao Rampa.url

Sentando a Pua! .url

Wannsee .url

Encontro de Historiadores Militares - AMAN - Resende – RJ - 18 a 20 jun 2012 - Israel Blajberg (iblj@telecom.uff.br) - Brasileiro nato de 1ª Geração - Sócio e Diretor de Comunicação Social do IGHMB - Acadêmico e Presidente da AHIMTB/Rio. Sócio Especial e Conselheiro Nato da Casa da FEB – Rio de Janeiro - Ex-aluno da ESG (2004 e 2007), Escola Polytechnica (1964-1968) e CPOR/RJ (1963-1965) - Professor da UFF, Escola de Engenharia, 1969 - Engenheiro do BNDES, 1975-2011.

Editor

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Delegado da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com